

BRASILEIROS!

Roberto Rodrigues*

Nem o El Niño e nem a geadas de julho passado conseguiram desanimar os produtores rurais brasileiros. Perdas com seca, enchentes e frio fazem parte da vida rural, mas este ano foram bem pesadas. Mesmo assim há uma determinação de plantar uma nova grande safra 2016/17.

O Índice de Confiança do Agronegócio calculado pela FIESP e OCB desde 2013 deu um salto positivo no segundo trimestre de 2016, tanto em relação ao trimestre anterior quanto aos segundos trimestres passados. No segmento "dentro da porteira", o dos agropecuaristas, o índice superou a casa de 103! Trata-se de uma boa surpresa, até porque desde sua criação nunca foi positivo. O índice é positivo quando fica acima de 100, número esse que mostra equilíbrio: não há nem pessimismo e nem otimismo.

O que estaria por trás desse ânimo todo? É claro que a perspectiva de preços razoáveis para a próxima estação tem importância, mas eles eram bons também no ano passado. Aliás, a condição cambial de 2015 estava melhor que a deste ano para exportações. Os cenários demandantes dos países emergentes são outro bom sinal, mas estão no horizonte já há algum tempo, e não são novidade. Qual a explicação?

Confiança deve ser a resposta. Com o final do exaustivo processo do impeachment, o "novo" governo tem agora de dizer a que veio, e tratar de cumprir o prometido: preparar o país para uma nova fase de desenvolvimento sustentado, gerando empregos, melhorando a logística, fazendo o ajuste fiscal, atraindo investidores, colocando a inflação na meta. São obviedades, mas não aconteciam no governo encerrado.

E parece que o campo confia que isso vai acontecer agora. Os primeiros passos são bons, especialmente no que diz respeito a uma coordenação essencial entre os órgãos de governo que lidam com a área rural: Ministérios da Fazenda, da Agricultura e Pecuária, das Relações Exteriores, do Meio Ambiente, além das instituições e agências reguladoras como Ibama, Incra, Funai, Anvisa, etc. As relações do Executivo com o Legislativo (leia-se Frente Parlamentar da Agropecuária) são muito positivas, bem como com as entidades representativas do agro. Agricultura Familiar e Empresarial recebem atenção igual e equilibrada.

Resta agora consertar velhos problemas que nos tiram competitividade, desde a trágica logística até a recorrente questão da renda rural, da política comercial, da modernização de legislações obsoletas e de recursos para ciência e tecnologia, além da melhoria da produtividade do trabalho. São assuntos que estão na agenda declarada do novo governo. Vamos esperar com otimismo, mostra o Índice de Confiança.

Enquanto isso, temos que ir mudando de atitude: não podemos mais ficar defendendo políticas específicas para o campo. Os temas acima referidos interessam a todos os brasileiros. Vamos então defender uma logística para o Brasil, e não exclusivamente para o agro; uma política de renda para todos e não apenas para o campo; abrir mercados para todos os setores e não para nós;

modernizar a legislação trabalhista, a previdenciária, a tributária para os brasileiros todos. Se defendemos unicamente o campo, acabamos nos marginalizando. Afinal, não somos só agricultores brasileiros: antes disso, somos brasileiros agricultores.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**

AGROANALYSIS - SET / 2016 - BRASILEIROS!